

TARCÍSIO HOLANDA

Congresso à margem da crise

As devastadoras consequências sociais da crise econômica ameaçam desestabilizar definitivamente nosso frágil processo de transição, conforme proclamaram lideranças de diversos partidos, além do próprio Presidente da República, através de seu programa semanal de rádio. O Congresso, que é a caixa de ressonância nacional, não parece ter-se sensibilizado para a gravidade dos nossos problemas.

Até agora, não se viu qualquer iniciativa dos políticos em favor de algum esforço que evite o pior. Quinta-feira última, havia uns vinte deputados no plenário da Câmara e número menor no plenário do Senado. Curiosamente, não foram os líderes dos partidos de centro que propuseram um pacto político para que o País possa atravessar o oceano de dificuldades que o cerca e cumprir o calendário eleitoral deste ano.

Foi o candidato do PCB a Presidente da República, deputado Roberto Freyre, quem tomou a iniciativa de propor amplo entendimento político entre os diferentes partidos para afastar ameaças ao processo de transição. Freyre teve conversa com o Presidente da República para reiterar seu pensamento sobre o momento nacional, preocupado com o País, em virtude da recente explosão de violência.

Enquanto isso, surgem sinais evidentes de inquietação no meio militar. Não apenas em relação à bomba que explodiu em Volta Redonda para destruir o monumento aos três operários mortos durante a recente intervenção de tropas do Exército. Isso foi

obviamente ato de terrorismo da direita. Há informações dando conta de que os escalões inferiores do oficialato demonstram crescente inquietação com seus baixos salários, em comparação com os rendimentos de servidores de alguns bancos oficiais, ora em greve.

Revigorado em seus poderes e prerrogativas pela Constituição de seis de outubro de 1988, o Congresso queda impassível diante da evolução da crise, como se não integrasse a máquina do Estado e não tivesse qualquer parcela de responsabilidade na condução da política. Na verdade, os políticos, por oportunismo e ambição, abandonaram o atual Presidente da República à própria sorte, como se só ele tivesse responsabilidade em conduzir barco tão frágil, em mar rodeado de tanta procela, ao porto distante.

Todas as tentativas de entendimento fracassaram, de tal forma que a expressão pacto social ou político ficou desmoralizada. Os partidos mal se sustentam, todos eles sangrando na própria carne suas intermináveis guerras intestinas. Não existe um projeto homogêneo para a sociedade brasileira em nenhum desses heterogêneos agrupamentos políticos, que a generosidade da legislação chama de partidos.

Abandonado e sozinho, o Presidente da República sofre todo tipo de pressão do chamado aparelho do Estado, sobretudo do estamento militar, o mais inquieto diante de sinais de anarquia social.

8 MAI 1989

CORRIO FALANSE